



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS
HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS LITERATURAS**

RITA DE CÁSSIA DA SILVA LIMA

O MASSACRE DE 1506 AOS JUDEUS: *O ÚLTIMO CABALISTA DE LISBOA*

GUARABIRA

2019

RITA DE CÁSSIA DA SILVA LIMA

O MASSACRE DE 1506 AOS JUDEUS: *O ÚLTIMO CABALISTA DE LISBOA*

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e suas literaturas, do Departamento de Letras, Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à conclusão ao grau de licenciada em Letras, sob a orientação da Prof^ª Dr^ª Aldinida Medeiros.

GUARABIRA

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

L735m Lima, Rita de Cassia da Silva.
O massacre de 1506 aos Judeus [manuscrito] : o último cabalista de Lisboa / Rita de Cassia da Silva Lima. - 2019.
35 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.
"Orientação : Profa. Dra. Aldinida Medeiros de Souza, Departamento de Letras - CH."
1. Romance. 2. História. 3. Richard Zimler. 4. Massacre de . 5. Judeus. I. Título
21. ed. CDD 981.34

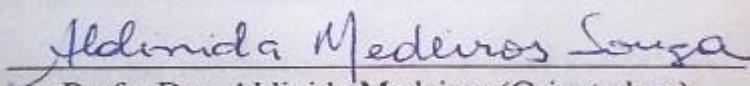
RITA DE CÁSSIA DA SILVA LIMA

O MASSACRE DE 1506 AOS JUDEUS: O ÚLTIMO CABALISTA DE LISBOA

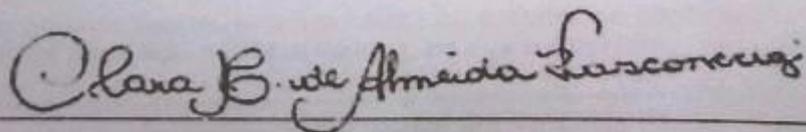
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do Grau Licenciado em Letras.

Aprovada em 27 de junho de 2019

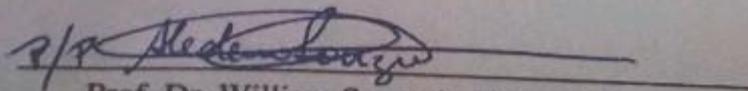
COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Dra. Aldinida Medeiros (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. William Sampaio Lima de Sousa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado forças suficientes para não desistir, me ensinando a cada dia o real sentido da palavra resiliência, por nunca me abandonar e ser minha maior força nos meus momentos de fraqueza.

Aos meus pais, Josy e Ozaniel, por me ensinarem a encarar a vida de cabeça erguida e me incentivarem a ser luz quando todas as coisas são escuridão, a eles devoto a minha gratidão pelo amor, dedicação e cuidados ao longo de todos esses anos.

A minha avó (in memoriam) por ser minha maior inspiração e ter me ensinado o sentido das palavras força, fé e gratidão, além de ter sido a grande mulher que foi: batalhadora, honesta e servidora, sinônimos que a tornaram minha heroína favorita.

Aos meus irmãos, Oziel e Olívia, por acreditarem no meu potencial, dividirem comigo todas as conquistas até aqui, e vivenciarem toda essa trajetória marcada por luta e dedicação.

Ao meu esposo Jonas, pela paciência, dedicação, companheirismo e por permanecer ao meu lado quando tudo se torna mais difícil, me incentivando e fazendo com que a minha confiança sempre se renove.

Aos meus colegas de turma que, direta ou indiretamente, contribuíram com a minha formação, seja tirando uma dúvida ou trabalhando em grupo, foram de vital importância para que tudo acontecesse. Em especial, a minha amiga Kássia, por compartilhar comigo as mais inusitadas situações e por ser minha dupla em sala e na vida.

A minha orientadora, Professora Doutora Aldinida Medeiros, por enxergar potencial quando eu só via desordem, me incentivou a buscar o melhor de mim, quando nem eu mesma sabia que existia. Gratidão por todas as conversas, orientações e tempo dedicado nesses últimos anos.

A essa instituição, seu corpo docente e seus funcionários que me acolheram como segunda casa, alargando meus horizontes e abrindo caminhos para vislumbrar novas batalhas e metas.

A todos os meus amigos e familiares, por serem pacientes e me compreenderem quando eu abdicava de fazê-los companhia devido a trabalhos da universidade.

Aos companheiros do ônibus que, diariamente, compartilharam angústias e alegrias e que ao final da tarde me animavam em dias tão cansativos.

Dedico a todas as minorias perseguidas, ao longo de toda a história, sobretudo as que até hoje carregam os estigmas do preconceito.

É uma falha de Deus não podermos retirar tal sofrimento de outro ser humano e torná-lo nosso.

Berequias Zarco (personagem do Último Cabalista de Lisboa de Richard Zimler)

RESUMO

Esse trabalho é uma análise d'*O Último Cabalista de Lisboa*, de Richard Zimler, publicado em 1996. Em primeiro plano, o romance descreve a vida da família Zarco, mostrando como o jovem Berequias Zarco desvenda o assassinato de seu tio, que foi encontrado sem vida pelo sobrinho no momento que o massacre de 1506 é desencadeado na cidade de Lisboa. Durante a narrativa são apresentados fatos que recontam os acontecimentos vividos na páscoa daquele mesmo ano. Para tanto, buscamos apresentar, de forma sucinta, a matança aos judeus, vivenciada no início do século XVI, a partir do episódio do falso milagre na igreja dos dominicanos, estabelecendo as verossimilhanças existentes entre ficção e História contidos nas entrelinhas do romance. Nessa perspectiva, utilizamos como metodologia os estudos, acerca do tema, vinculados a: Rita Ribeiro Voss (2017), Werner Sombart (2014), Carsten L. Wilke (2009), Marcos Fábio Cardoso de Faria (2014), Marli Silva Froés (2009), Yllan de Mattos (2014), Simon Schama (2015), Giuseppe Marcocci, José Pedro Paiva (2013), Esther Mucznik (2010) e Maria José Pimenta Ferro Tavares (1996). A pesquisa de caráter analítica interpretativa possibilitou o conhecimento acerca do ódio aos judeus imposto à população, pela Igreja Católica na época.

Palavras-chaves: Romance. História. Richard Zimler. Massacre de 1506. Judeus

ABSTRACT

This work is an analysis *The Last Kabbalist of Lisbon*, by Richard Zimler, published in 1996. In first plan, the novel describes the life of family Zarco, showing how the young Berequias Zarco solve the murder of his uncle, which was found dead by his nephew in the moment that the massacre of 1506 is unleashed in the city of Lisbon. During the narrative are presented facts that recount the events lived the Easter of that same year. Therefore, we seek to present, succinctly, the killing of jews, lived at the beginning of the sixteenth century, from the episode of the false miracle in the dominicans church, establishing the existing verisimilitude amid fiction and History contained between the lines of the novel. In this perspective, we use the methodology and related studies, linked to: Rita Ribeiro Voss (2017), Werner Sombart (2014), Carsten L. Wilke (2009), Marcos Fábio Cardoso de Faria (2014), Marli Silva Froés (2009), Yllan de Mattos (2014), Simon Schama (2015), Giuseppe Marcocci, José Pedro Paiva (2013), Esther Mucznik (2010) and Maria José Pimenta Ferro Tavares (1996). The research, of type analytical interpretive, made possible the knowledge about the jew-hatred imposed on the population, by the Catholic Church in that time.

Key-words: *The Last Kabbalist*. Richard Zimler. Massacre of 1506 to the jews. Literature. History.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - A PERSEGUIÇÃO AOS JUDEUS EM PORTUGAL: BREVE RETOMADA	11
2.1 Breves apontamentos acerca da história judaica.....	12
2.2 Alguns aspectos do período sócio histórico que antecedeu o massacre de 1506	13
2.3 A igreja católica e a consolidação do antijudaísmo com o pogrom de Lisboa, em 1506	17
CAPÍTULO II - NOS LIMITES DA INTOLERÂNCIA: O MASSACRE DE 1506 n’O ÚLTIMO CABALISTA DE LISBOA	21
3.1 Os elementos da narrativa e a trama romanesca.....	22
3.2 Entre ficção e realidade: <i>O Último Cabalista de Lisboa</i>.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

A perseguição aos judeus, configurada na primeira metade do século XVI, especificamente em 1506, desencadeou uma onda de indignações procedida na sociedade portuguesa da época, que contribuiu para a ruptura da harmonia social durante um vasto período. Vistos como um mal social, os judeus eram postos à margem e discriminados cultural e religiosamente. A exaltação à fé católica era tão intensa que qualquer indivíduo que se desviasse dos seus preceitos logo era perseguido, aprisionado e morto.

Objetivamos, por meio dessa pesquisa, analisar o episódio histórico da perseguição judaica, em 1506, a partir da narrativa ficcional descrita na obra *O Último Cabalista de Lisboa* (1996), do autor contemporâneo Richard Zimler. Esse estudo permitiu o aprofundamento acerca de como a cidade de Lisboa foi cenário de um massacre que ceifou a vida de milhares cristãos-novos.

A obra estudada, apesar de contemporânea, retoma o que ficou conhecido como *pogrom de Lisboa*, ou seja, o início do desencadeamento das questões que competem à intolerância religiosa da época, e coloca à doutrina católica como motivadora desse processo ocasionado as vésperas da páscoa daquele ano, a qual instigou multidões a violarem e matarem todos os marranos que judaizavam.

Assim, *O Último Cabalista de Lisboa* (1996) reconta, de maneira ficcional, alguns episódios históricos vivenciados ao longo daqueles dias, ao mesmo tempo em que constrói o enredo em volta do jovem Berequias Zarco, protagonista que apresenta à narrativa e que desencadeia os elementos do romance.

Durante a narrativa, observarmos características que descrevem o episódio do massacre contextualizando-o historicamente ao que se precedeu naqueles três dias, além de explanar alguns costumes e fatos autênticos do período, tais como: a conversão forçada, a tensão pré-existente entre os povos de costumes diferentes, a atribuição da culpa aos judeus relativa à seca e a peste que assolavam a população da época, o fogo como instrumento de purificação da alma, além dos tipos mais brutais de sofrimentos que os judeus poderiam vivenciar.

Segundo Faria (2014), *O Último Cabalista de Lisboa* compõe o chamado “Ciclo Sefardita”, sendo o primeiro livro publicado seguido de outros três: *Meia-noite ou o princípio do mundo* (2003), *Goa ou o guardião da Aurora* (2006) e *A sétima porta* (2007), em todos há

uma sequência de fatos em que os personagens são judeus e originários da família Zarco. Em cada narrativa é estabelecido um conflito diferente, associado à religião judaica, mostrando que, mesmo dissipados pelo mundo, os Zarcos continuaram desvendando enigmas sendo orientados pelo espírito de Berequias Zarco.

Para a efetivação desse trabalho, utilizamos como aporte teórico: Werner Sombart (2014), Simon Schama (2015), Marcos Fábio Cardoso de Faria (2014), Marli Silva Froés (2009), Rita Ribeiro Voss (2017), Carsten L. Wilke (2009), Yllan de Mattos (2014), Giuseppe Marcocci e José Pedro Paiva (2013), Esther Mucznik (2010) e Maria José Pimenta Ferro Tavares (1996).

Dessa forma, dividimos a pesquisa em dois capítulos, os quais serão subdivididos em: uma breve explanação acerca do tema histórico que retrata a peregrinação dos judeus e a construção do período histórico dentro da obra já mencionada, aplicando as teorias ao corpus do romance contemporâneo.

Em suma, observamos como o romance em estudo retoma fatos históricos para explicar o que até então não era mencionado nos livros de história, recordando os primeiros resquícios vinculados ao judaísmo em território português.



Figura 1: Cerco medieval em França. Da Bíblia de Maciejowski , c. 1240 CE. Extraído de: Ancient History Encyclopedia¹

CAPÍTULO I - A PERSEGUIÇÃO AOS JUDEUS EM PORTUGAL: BREVE RETOMADA

¹ Disponível em: <<https://www.ancient.eu/article/1230/siege-warfare-in-medieval-europe/>>. Acesso em 03 junho de 2019.

Os discursos de ódio impõem modos de ser e de existir ao outro, ao diferente, àquele que não pertence ao seu grupo social, étnico, político, através do estímulo coletivo à violência física e simbólica.

Rita Ribeiro Voss

2.1 Breves apontamentos acerca da história judaica

A população judaica surge através da divisão das doze tribos de Israel, a qual ocorreu após a morte de seu líder o rei Salomão. Por meio dela houve o rompimento desse clã que acarretou no estabelecimento das dez tribos do norte, conhecidas como o Reino de Israel, e as duas tribos do sul, que originaram o Reino de Judá, sendo essa última instituidora dos praticantes do judaísmo. Inúmeros foram os episódios vivenciados por esses povos que resultaram nas mais diferentes condições de aprisionamento, sendo em 525 a.C. a libertação da Babilônia por ordem dos persas:

Quando os persas chegaram, em 525 a.C., trataram os israelitas não como escravos, mas como proprietários de escravos e, acima de tudo, como duros soldados profissionais, nos quais se podia confiar, tanto quanto nos arameus, cáspios e cários, gregos da costa ocidental da Anatólia, para reprimir os levantes egípcios contra a Pérsia. (SCHAMA, 2015, p. 27).

A destruição de Jerusalém e a tomada do reino pelos Lusitanos originaram a disseminação desses povos ao redor do mundo, fazendo com que muitos procurassem a Península Ibérica. De acordo com Sombart (2014): “Muito significativo para o comportamento dos judeus naturalmente é, em primeiro lugar e sobretudo, sua dispersão por todos os países da terra habitada, que existiu de fato desde o primeiro exílio [...]” (SOMBART, 2014, p. 256). Não há registros, ao certo, que demarcam a chegada desses povos em território português, no entanto, sabe-se que após 300 d. C. é que se constatou uma maior confluência desses indivíduos.

Pautados nos ensinamentos divinos e crentes numa figura suprema, o judaísmo era responsável por cumprir os preceitos definidos na Torá. Acreditava-se que aqueles que a seguiam eram dotados não só de ensinamentos religiosos, mas também de certa ética e moral capaz de reger as relações entre ser humano e natureza: “Não há nenhum tipo de comunhão

entre Deus e o ser humano que não seja efetivada da seguinte forma: o ser humano realiza algo em conformidade com a Torá e em troca recebe algo correspondente de Deus.” (SOMBART, 2014, p. 310). Crentes nessa sabedoria interior, os judeus conduziam suas vidas de acordo com o conhecimento que o Pentateuco (cinco primeiros livros do antigo testamento) exigia.

2.2 Alguns aspectos do período sócio histórico que antecedeu o massacre de 1506

Durante todo o período que reconta a história dos judeus, observou-se diferentes conflitos estabelecidos a suas práticas religiosas. Submetidos a humilhações públicas, açoites e até queimados vivos, foram vítimas de um dos maiores massacres já vistos em todo o território português. Dessa forma, retomamos o período que antecedeu o século XVI para exemplificar alguns fatos que já refletiam o sentimento de ódio propagado nas ruas de Lisboa até chegarmos ao ápice antijudaico que prosperou naquela páscoa de 1506 e que levou às ruas multidões enfurecidas em busca de uma única certeza: dar fim a vida daqueles povos semitas.

Diante dos fatos vindouros, a religião católica exerceu um papel fundamental na matança de 1506, especialmente a ordem dos Dominicanos, tendo em vista a marginalização que era atribuída ao judaísmo na época e transferindo a esses povos a culpabilidade pelos males que envolvia Lisboa no século:

Religião e condições sociais estavam fortemente associadas à discriminação e à exclusão dos judeus. Dessa forma, os contornos identitários ficavam cada vez mais definidos em um cenário político em que a relação entre o rei e a sociedade nem sempre era clara. (VOSS, 2017, p. 310).

Para Voss (2017), a distinção entre classes possibilitou o crescente aumento do ambiente detestável que viviam os cidadãos lisboetas, tendo em vista que, a chegada dos inúmeros judeus expulsos da Espanha ao país, contribuiu com o alargamento desse sentimento antissemita que se instaurava. Por existir uma prática diferenciada dos costumes dos nobres, e acreditando na ideia de supremacia religiosa, os católicos acreditavam que estavam acima de qualquer outro indivíduo. Para eles, o próprio sangue judeu era impuro e amaldiçoado, e interligavam suas práticas à época do Cristo Jesus, remetendo a todos os seguidores do culto judaico a culpa por entregarem o Cristo ao calvário, o que acarretou nessa repulsa até séculos mais tarde.

Diante da chegada dos imigrantes judeus, Portugal encarou uma grande peste que assolou parte de sua população, além de enfrentar as consequências do amplo número de habitantes que tomavam a cidade, tornando a comida escassa, pois já não saciava a fome de todos os cidadãos:

A partir de meados do século XIV, a demografia do judaísmo português sofre o impacto da imigração desencadeada pelas perseguições nos outros reinos ibéricos, com as matanças de Navarra de 1320 e 1328, pela <<peste negra>> de 1348 e pela guerra civil castelhana de 1366. As violências atingiram o paroxismo com os massacres, iniciados pelo clero de Servilha, que espalharam as servícias por Castela e Aragão no Verão de 1391. A multidão assassinou milhares de judeus, não poupando a vida senão àqueles que se deixaram baptizar. (WILKE, 2009, p. 20).

A cada nova repressão estabelecida pela Espanha, mais refugiados desembarcavam em Portugal. A população crescia desordenadamente e chegaram a ocupar bairros cristãos e pequenas vielas que mais tarde ficaram conhecidas como as judiarias², bairros em que a população, na maioria, era composta por judeus. Sobre este aspecto, Carsten L. Wilke faz o seguinte apontamento: “Essa imigração em massa marca o apogeu da política de acolhimento dos reis portugueses face aos judeus, e o prelúdio da inversão, que deveria produzir-se a partir do ano seguinte.” (WILKE, 2009, p. 22).

A presença dos judeus em Portugal, até 1496, diz respeito à grande representação econômica que se instaurou em todo o território lusitano. Devido ao deslocamento entre reinos, tornaram-se grandes empreendedores ao estabelecerem relações financeiras entre regiões e movimentarem o sistema econômico da época. “O seu conhecimento das línguas ibero-romana e árabe, a sua cultura, a sua competência financeira, mas sobretudo a sua independência, garantia de lealdade à coroa, faziam deles os intermediários ideais.” (WILKE, 2009, p. 23). Desse modo, ficaram conhecidos como exímios empreendedores o que fazia com que os reis tolerassem a presença dessas figuras. Sombart (2014) estabelece o termo “espraiamento geográfico” para designar o sucesso desses povos nas atividades comerciais e creditícias internacionais da época:

² A mais antiga judiaria situava-se na Pedreira (imediações dos atuais Armazéns do Chiado), onde se construiu uma sinagoga em 1260. A judiaria das Taracenas ficava na zona ocidental portuária. A Judiaria Velha (ou Grande) estava no centro, na Rua Nova dos Mercadores, e tinha 7 portas. Constituía um corpo à parte da administração da cidade, com oficiais próprios, duas sinagogas, escola, biblioteca, talho casher, hospitais, banhos públicos, tribunal e prisão. Conserva-se a lápide de construção da sinagoga, datada de 1307. Da Judiaria de Alfama, autorizada por D. Pedro I, resta o topónimo na Rua da Judiaria.

Qualquer que tenha sido a origem da sua *condição interior de estrangeiro*, o fato de que ela pudesse obter tal significado especial para a vida econômica é algo que certamente não se explica sem a suposição de uma peculiaridade judaica. (SOMBART, 2014, p. 370).

Como forma de estabelecer relações políticas-econômicas e aspirando governar toda Península, D. Manuel negocia sua união com a infanta Isabel de Aragão e Castela, filha dos reis católicos, Rainha Isabel de Castela e o Rei Fernando II de Aragão, os mesmos que decretaram a expulsão dos judeus de seus territórios e que causaram a grande imigração desses povos em terras portuguesas. Porém, para que esse pacto fosse firmado, haveria D. Manuel de expulsar de seu território todos os semitas “infiéis” que ali habitavam:

[...] o rei D. Manuel não ponderou a expulsão dos judeus, senão a partir das negociações preparatórias do seu casamento com a infanta Isabel de Aragão e Castela. [...] Viúva inicialmente oposta a qualquer novo casamento, extremamente devota, a infanta cuidou que essa cláusula fosse inscrita, recusando-se a pôr os pés num país onde houvesse judeus. (WILKE, 2009, p. 63).

D. Manuel tinha convicção que a saída desses povos para outras regiões traria um enorme prejuízo à coroa Portuguesa, pois como já citado, eram eles quem possibilitavam a movimentação econômica dentro do país e tornaram-se fonte de grandes rendimentos: “[...] não tinha intenção de perder a riqueza material e intelectual que aquela parcela judaica da população portuguesa agregava ao país, por isso o rei viu na conversão uma saída conveniente.” (VOSS, 2017, p. 312). Assim, antes do decreto ser promulgado, o rei determinou que todos os judeus fossem conduzidos ao batismo forçado.

A conversão forçada consistia na prática de submeter os judeus à religião católica, tornando-os praticantes da fé de forma pública e impondo a esses seus costumes e suas crenças. Desse modo, D. Manuel “[...] proibiu as orações públicas e confiscou as sinagogas, as casas de estudo e o seu mobiliário, tal como outros bens pertencentes às comunas” (WILKE, 2009, p. 64). O clima entre os católicos e judaizantes tornava-se cada vez mais tenso e insuportável, os primeiros disparavam sobre os convertidos ataques físicos e verbais, o que alavancou a repulsa antijudaica da época:

A acção de D. Manuel não se limitou às conversões forçadas. Ao mesmo tempo e sem esperar pelo prazo final de Outubro, o rei levou a cabo a destruição violenta, rápida e total do culto judaico: ordenou a destruição de sinagogas, escolas e bibliotecas; proibiu o uso e o estudo do hebraico – que

passou a ser oficialmente restringido apenas à universidade; proibiu o exercício do culto e todas as instituições jurídicas, administrativas e religiosas judaicas. (MUCZNIK, 2010, p. 32).

Para Marccoci e Paiva (2013), a partir das conversões forçadas, muitas estratégias foram adotadas para encobrir a prática religiosa do judaísmo, Alguns cidadãos começaram a frequentar o meio social português, tratando de aproximar-se principalmente dos nobres, de modo que a sua identidade judaica fosse ocultada, conseguindo ser amparados de quaisquer males que pudessem atingir suas integridades.

De acordo com Wilke (2009), apesar de instaurado o decreto que permitia a obrigatoriedade do batismo, uma nova lei estabelecia que aqueles que não aceitassem se converter ao cristianismo poderiam partir em busca de outros territórios além-mar. No entanto, percebendo que multiplicavam a saída de judeus do país, principalmente os mais influentes, D. Manuel volta atrás e promulga um novo decreto designando que todos os filhos de judeus entre quatro e quatorze anos deveriam ser retirados à força de seus pais, batizados e entregues a uma nova família, dessa vez cristã:

Por isso, a 19 de Marco de 1497, véspera do domingo de Ramos – e, talvez, a Pascoa judaica –, ordenou que lhes fossem retirados os filhos menores [...] Uma semana depois, segui-los-iam os adolescentes e os jovens, menores de 25 anos, assim como alguns adultos que se encontravam em Lisboa para embarcar. É o conhecido batismo nos Estaus, narrado pelos cronistas cristãos e judeus. Aqui estavam as famílias judaicas albergadas, prontas para sair do reino; e, aqui, vieram os oficiais régios buscá-las para, em grupos, as levarem a diversas igrejas de Lisboa, onde lhes foi imposta a água do baptismo. (TAVARES, 1996, p. 27).

O terror assolou a população judaica de tal maneira que não satisfeitos com a posição do rei atentavam contra a própria vida e a vida dos seus, como nos afirma Mucznik (2010): “muitos preferiam matar os filhos com as próprias mãos; sufocavam-nos no último abraço ou atiravam-nos em poços ou rios, suicidando-se em seguida”. Os sobreviventes dessa tormenta, nessas ocasiões recebiam um segundo nome, dessa vez cristão: “[...] para além de tentativa de integração, a alteração do nome significava o esforço para apagar e destruir a identidade judaica anterior.” (MUCZNIK, 2010, p. 34). Assim, os nomes cristãos distanciavam os próprios convertidos da antiga religião e visava torná-los pessoas diferentes, agora seguidores da “única e verdadeira religião”:

Permaneceu, no entanto, a dualidade do nome – um nome cristão público, outro secreto judaico, para os que não aceitavam como sua a nova fé imposta. Grande parte dos convertidos por D. Manuel, depois de baptizarem na igreja os seus recém-nascidos, davam-lhes o nome judaico no segredo das suas casas, procurando assim manter o vínculo da tradição ancestral, como forma de resistência à assimilação forçada. (MUCZNIK, 2010, p.34).

Os cristãos-novos no espaço de suas casas, privadamente, repassavam e exerciam sua antiga religião, sem deixar que as práticas do judaísmo fossem apagadas, assim os costumes e as práticas continuaram sendo repassados às novas gerações, porém exigia mais discrição dos que as praticavam:

A condição de cristão-novo era, pois, social, uma máscara para a convivência dos judeus com os cristãos em sociedade e uma formalidade para acalmar os reis católicos da Espanha e seu sentimento antijudaico, como condição para o consentimento do casamento de D. Manuel com a filha dos monarcas. (VOSS, 2017, p. 313).

Apesar de convertidos, as perseguições não tiveram fim, pelo contrário, intensificaram ainda mais. A população tratava os convertidos de forma diferenciada e a repulsa que sentiam despertava a desconfiança para com os novos cristãos. Wilke (2009), ao descrever o governo do monarca, diz que: “A política do rei D. Manuel foi descrita como um <<religiocídio>> ou <<etnicídio>>, pois visava abolir a identidade sócio-cultural dos judeus, deixando-os fisicamente em vida.” (WILKE, 2009, p. 71)

A iniciativa do governo manuelino configurou-se como uma prévia do que os anos vindouros trariam, sendo demarcada por incitar o ódio e antecipando as marcas da brutalidade institucionalizada proposta pela inquisição, em 1536. A autora Mucznik (2010) aponta que: “Todo o ódio acumulado no passado contra os judeus transferiu-se assim para os novos cristãos” (MUCZNIK, 2010, p.37). A insatisfação da população gerou um descontentamento com o governo vigente e acarretou em diferentes períodos de perseguição elencados pela história dos judeus.

2.3 A igreja católica e a consolidação do antijudaísmo com o pogrom de Lisboa, em 1506

Diante dos dias sombrios vividos em todo o território português, o ano de 1506 não amenizou a situação judaica, mas por outro lado, foi o ápice das perseguições e violências ocasionadas à religião e aos que a cultuassem. Em abril daquele mesmo ano, no convento de

São Domingos localizado no Rossio, estavam os católicos realizando os costumes de sua crença habitual, quando um cristão-novo contesta um “falso milagre” testemunhado pelos frades dominicanos. Esses últimos exibiam aos católicos o momento que do peito de Jesus crucificado projetava uma luz que para os homens de fé representava um milagre, um sinal de que Deus ouvia as preces daqueles que pediam para cessar a peste e a fome que ali perdurava. A tensão que existia entre judeus e católicos já era observada há bastante tempo

Outros papéis corriam com o intuito de mostrar a maldade judaica, denunciando <<rapinas>> de cobradores de rendas, abusos de advogados que prolongavam causas para extorquirem mais dinheiro a clientes, envenenamentos de fontes e poços, furtos de crianças para realização de sacrifícios rituais, e até que parte da vaga de comportamentos homossexuais que, desde os anos 20, se punia com vigor, se devia à origem cristã-nova, que fazia degenerar o <<o sangue português tão leal e esforçado>> [...]” (MARCOCCI; PAIVA, 2013, p. 166)

Um cristão-novo que estava presente no momento do “falso milagre”, começou a alertar o público sobre a imposição de uma vela por trás da imagem. De certa forma acusava os frades de mentirosos, diante de tal feito, o marrano acusado de blasfêmia foi imediatamente levado à parte exterior da igreja, onde teve um destino cruel: “Após sua intervenção, o judeu convertido foi arrastado por algumas mulheres para fora da igreja onde foi linchado, desmembrado e queimado.” (VOSS, 2017, p. 317). A autora nos relata que o irmão do judeu morto, que estava junto ao primeiro, também teve o mesmo fim.

Após este episódio, os dominicanos saíram percorrendo as ruas de Lisboa e proferindo palavras de ódio, incitando a população contra os judeus e atribuindo a estes a culpa pelos tristes dias vividos, assim começou o que mais tarde ficou conhecido como *pogrom de Lisboa* ou matança da páscoa de 1506 e durante três longos dias, judeus de todas as partes, foram perseguidos e queimados na pira acesa do lado externo da igreja dos dominicanos:

[...] após as mortes dos dois cristãos-novos na frente da igreja, os frades se levantaram portando cruzeiros e proclamavam << ‘Todo aquele que matar um descendente de Israel, terá no mundo vindouro cem dias de perdão!’ Então muitos populares munidos de espada atacaram e mataram em três dias, três mil pessoas >>. Os linchadores ainda violaram as mulheres antes de lançá-las à fogueira, assim como jogaram as grávidas contra lanças. (VOSS, 2017, p. 318).

O massacre de 1506 aflorou o ódio que há muito perdurara entre os portugueses. Os frades possibilitaram externar todo esse sentimento resguardado e os três dias que se sucederam foram marcados por um verdadeiro genocídio, uma tentativa de apagar toda uma história étnica e religiosa que sobrevivia desde o início dos tempos. Dessa forma, inúmeros foram os judeus arrastados até a fogueira, que tinha como pretensão purificar a partir das chamas:

As vítimas, mortas ou vivas, foram arrastadas para grandes fogueiras; o recebedor de impostos Mascarenhas, alvo principal do ódio, foi perseguido e espancado pela multidão. Ao cabo de três dias, quando pelo menos já dois mil cristãos-novos tinham perdido a vida, a justiça real retomou com dificuldade o controle da cidade. (WILKE, 2009, p. 79).

Quando soube do motim que acontecia em Lisboa, Dom Manuel que se encontrava a caminho de Beja para visitar a mãe, retornou para controlar a população e assim pôr fim aqueles terríveis dias. Quando chegou tratou de conter a população, tarefa árdua e difícil que acarretou em medidas extremas da corte; fechou o convento de São Domingos e expulsou seus membros, retirou de Lisboa o título de: “Mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa » e fechou a Casa dos Vinte e Quatro³” (VOSS, 2017, p. 320). Além de garantir que todos os que haviam liderado o motim pagassem com a própria vida:

Em maio, o rei D. Manuel fez punir duramente os incitadores do motim: quarenta e oito pessoas, entre as quais trinta e quatro estrangeiros, foram enforcados; os dois dominicanos foram expulsos da ordem e queimados. A população de Lisboa tida por cúmplice nas violências foi atingida por pesadas penas pecuniárias. Os privilégios e títulos da cidade foram abolidos por dois anos. (WILKE, 2009, p. 79).

Esse episódio suscitou a idealização do Tribunal do Santo Ofício anos mais tardes, pois já no reinado de D. João III, que sequenciou D. Manuel, o rei preferia ter os judeus mortos e acabar com todos os que ali restaram. Wilke (2009) nos aponta que no mesmo ano do terremoto de 1531, D. João solicita de Roma a criação de uma inquisição portuguesa.

No entanto, o Tribunal só foi instaurado anos mais tarde, em 1536, como medida impiedosa de apagamento dos costumes daqueles que mesmo convertidos continuavam a

³ A Casa dos Vinte e Quatro foi criada em 16 de dezembro de 1383, por D. João, Mestre de Avis (futuro D. João I) com o objetivo de permitir que os mestrais participassem no governo da cidade. A Casa dos Vinte e Quatro era composta por dois representantes de cada uma das doze corporações de ofícios da cidade, conhecidas por "bandeiras", os quais coletivamente eram conhecidos pelos "Vinte e Quatro".

judaizar: “[...] graças aos estímulos e acolhimento que no passado recebera da parte de D. João III, com o conseqüente alastramento do luteranismo, ameaçando a pureza da fé tal como o perigo judaico. Tinham que ser extirpados.” (MARCOCCI; PAIVA, 2013, p.81). Assim a grande perseguição, iniciada em 1506, serviu como antecedente para algo maior e mais torturante que viria anos mais tardes e que até hoje persiste na memória dos judeus portugueses.



Figura 2: Uma das duas únicas gravuras sobreviventes ao Terramoto de Lisboa 1755 e ao incêndio da Torre do Tombo. Extraído de: *Jornal da História*⁴

CAPÍTULO II - NOS LIMITES DA INTOLERÂNCIA: O MASSACRE DE 1506 n' O ÚLTIMO CABALISTA DE LISBOA

⁴ Disponível em: <<https://jornaldahistoria.pt/blog/2020/04/19/a-19-de-abril-de-1506-uma-multidao-descontrolada-provoca-um-massacre-de-judeus-em-lisboa/>>. Acesso em 16 de dezembro de 2020.

3.1 Os elementos da narrativa e a trama romanesca

O Último Cabalista de Lisboa é uma obra de cunho contemporâneo, que retoma fatos decorrentes da páscoa de 1506 em Portugal, em que cerca de milhares de convertidos, apesar de já conviverem com o clima de ameaças a todo instante, sofrem o que viria a ser a maior matança aos religiosos de toda a história portuguesa.

A narrativa é recontada a partir do prólogo intitulado “nota do autor”, quando o narrador-observador relata que durante sua passagem por Istambul, atual Constantinopla, (refúgio de inúmeros judeus no ápice das perseguições), passa uma temporada na casa de um amigo advogado. Durante essa estadia, é feita uma reforma na residência em que ele estava, o que possibilita o encontro de alguns manuscritos que recontam relatos da vida de Berequias Zarco, personagem-narrador, a partir desse feito ele decide recontar os fatos obscuros vividos durante a páscoa de 1506: “Essa estratégia ficcional de Richard Zimler poderia levar o leitor a acreditar que o romance é, de fato, datado de outra época e que seu verdadeiro autor é Berequias Zarco.” (FARIA, 2014, p. 29).

A trama é desenvolvida através de duas perspectivas, no prólogo há a presença de um narrador-observador em terceira pessoa, que observa, mas não participa e apresenta a história da família Zarco; já o segundo narrador, expõe os fatos em primeira pessoa, desenvolvendo e participando da narrativa, configurando-se como um narrador-personagem, Berequias não apenas participa, como impõe sua subjetividade e emocional no decorrer de toda obra.

É na nota do autor que percebemos como o narrador-observador se coloca a mercê dos pergaminhos encontrados, elencando o enigma presente na obra e gerando no leitor questionamentos acerca da veracidade dos manuscritos:

Para reforçar esse jogo autoral, o narrador apresenta Berequias e o seu estilo de escrita, para afirmar que a escrita não é do Zimler, e sim do Berequias, e por outro lado, traz uma concepção de leitor moderno, porque assegura querer contemplá-lo com uma linguagem mais contemporânea e uma estrutura mais moderna. (FROÉS, 2009, p. 80).

No prólogo Berequias assume a função de narrador-personagem para recontar os fatos vividos por ele e por sua família durante os dias de agonia em Lisboa: “Era uma manhã resplandecente, como uma pérola opalina do colar daquele mês primaveril. Era o ano de 5266 para os cristãos-novos. O sexto dia de abril de 1506 para os malditos cristãos de alma e coração” (ZIMLER, 1997, p. 31). A partir das primeiras impressões do protagonista,

percebemos que já existia tensão entre a população judaica e cristã da época, apesar de ainda não ser tão explícita.

Berequias Zarco é um jovem marrano que apesar de convertido ao catolicismo, pratica com seus familiares os costumes de seus ancestrais judeus. Instruído por seus tios, Abraão Zarco (membro da escola cabalística e iluminador) e Ester (tradutora), traduz e reescreve textos, no porão de sua casa, e realiza um tipo de pintura decorativa que representa manifestações imagéticas denominadas de iluminuras. Ao referir-se ao local que trabalhava, o personagem demonstra a importância que ele representava para a sua e fé e de seus familiares:

Era um porão baixo, com um pavimento de cinco passos de largura e o dobro de comprimento, revestido com as mesmas toscas lajes de xistos da entrada. **Poderia testemunhar pelo menos mil anos de cânticos**, e no ar gélido e de bafio, hermeticamente abafado entre aquelas paredes onde mal se vislumbrava os azulejos com formas entrelaçadas em azul e amarelo, parecia pairar o perfume das memórias antigas. No alto da parede ao norte, à altura do pavimento de entrada, uns postigos em treliça deixavam entrar uma luz suave e pálida. **Ao fundo das escadas, que ladeavam a parede ficava o círculo do nosso tapete de orações. [...] A metade da sala além do tapete, virada para o poente, era o reino dos nossos trabalhos terrenos, onde tia Ester copiava manuscritos e eu e meu tio os decorávamos com iluminuras.** (ZIMLER, 1997, p. 46, grifos nossos).

A narrativa é marcada por múltiplos espaços, ora internos ora externos, que agrega ao texto uma significância ainda maior. A casa da família Zarco está fortemente ligada a memória afetiva do personagem, pois é nesse ambiente particular que Berequias, junto à sua família, pratica os costumes de seus antepassados, tornando-se não apenas um ambiente físico e social, mas inteiramente ligado a subjetividade do protagonista, é esse espaço que esconde a identidade judaica dos seus familiares, onde há a troca de conhecimentos acerca de sua religião originária e a formação de seu caráter. É nesse ambiente que ambos se aceitam de forma singular, conhecendo o que há em seus íntimos.

O romance retrata como os dias em Lisboa já não eram os mesmos desde que uma epidemia e a falta de chuva começaram a afugentar a população. Inúmeros foram os mortos vítimas de tal calamidade que recaiu sobre todos, sem distinção de cor, raça ou religião, como nos relata o personagem:

De ambos os lados da rua apinhava-se uma multidão formando duas filas irregulares recortadas contra as poeirentas fachadas brancas do casario que se estende até a Sé. Gritos a pedir água e misericórdia soavam como um coro antifonário. Podiam ver-se aí muitas e desvairadas pessoas da nossa cidade:

cavaleiros e camponeses, barregãs e freiras, pedintes e escravos pretos, e até marinheiros do Norte de olhos azuis. (ZIMLER, 1997, p.33).

Em meio a todo o caos está a família Zarco, praticantes assíduos das tradições judaicas, como por exemplo: a celebração do *Pêssach*⁵, e é durante os dias dessa celebração que a história é desenrolada. Diante da falta de informações, principalmente aos menos favorecidos, a população culpabilizou os judeus pela catástrofe vivida: “A comunicação era precária e a população, em sua absoluta maioria, era analfabeta” (VOSS, 2017, p. 323). Esses eram capazes de crer em qualquer explicação que lhes fossem fornecidas:

A população mais pobre, mais suscetível de adoecer, estava ainda mais submetida a uma explicação dogmática e, muitas vezes, fanática sobre as suas mazelas. Isso acontecia porque os frades eram formados para o exercício de prédicas e sermões altamente proselitistas, disseminando uma visão trágica e escatológica da vida em que a heresia, cujo combate era primordial desde o Concílio de Latrão (1215), ocupava lugar central no castigo divino sobre a Terra. (VOSS, 2017, p. 323).

A família de Berequias, como outras famílias que seguiam as antigas tradições, era uma das muitas que escondiam suas práticas por trás do cristianismo, frequentando as missas e outros costumes da religião. Em um dos momentos, Berequias nos aponta seu irmão menor, Judas, sendo instruído por seu amigo, Frei Carlos, com lições de doutrinação católica.

Além dos seus tios e seu irmão, o jovem divide sua moradia com sua mãe e sua irmã Cínfa: “Era uma moça desengonçada, estouvada, com uma voz quase aos guinchos que mais parecia sair-lhe por entre os dedos metidos na boca, mas que ultimamente ia ficando graciosa. Tinha a bem da verdade, doze anos [...]” (ZIMLER, 1997, p.37). Em outra ocasião o personagem relata o que havia acontecido a seu pai e seu irmão mais velho, Mardoqueu, vítimas da peste que já se alastrava durante anos:

O rosto de tia Ester contraiu-se; sabia que eu me referia a meu pai e a meu irmão mais velho, Mardoqueu. No inverno de 5263, pouco mais que três anos antes, a fada da peste tinha-lhe arrancado a pele, deixando-os expostos aos ventos úmidos de *Kislev*. Meu pai, agonizando cheio de feridas e pústulas abertas, tiritava de morte no sexto dia de *Hanukka*. Passado um mês, o esqueleto vivo que fora Mardoqueu morria-me nos braços. (ZIMLER, 1997, p. 45).

⁵ Pêssach celebra a saída dos Filhos de Israel da “casa da servidão” egípcia e serve para nos lembrar da importância de continuar a luta pela liberdade em cada geração. Além deste conceito espiritual fundamental, a pompa e as comidas especiais relacionadas com Pêssach a tornaram algo único entre as festas judaicas.

A relação entre o personagem principal e seus familiares é bastante afetuosa. Berequias relata que depois da morte de seu pai e de seu irmão, a mãe perdera um pouco da alegria pela vida e trata seus filhos de forma diferente de como tratava no passado, mostra também que, devido ao estado de sua mãe ele é encarregado de cuidar de seus irmãos o que faz com grande entusiasmo. É na relação e convívio com seu tio que há uma maior demonstração de afeto no protagonista, ele expressa uma grande admiração e carinho pelo parente, tendo-o como figura paternal e protetora:

Se alguma vez precisar de mim, onde quer que esteja, por mais longe que seja e por mais desesperadas que sejam as circunstâncias, envie-me esta tira que vou até onde você estiver – pôs a outra mão na minha cabeça, fixando-me nos olhos com insistência. – E se, por qualquer razão, não me encontrar ao seu alcance na terra, segure-o nas mãos e reze, que hei de fazer tudo para lhe aparecer.

Sentia-me tão tocado com tal benevolência, com a generosidade de meu mestre, que minha garganta parecia queimar como que em ânsias desesperadas. (ZIMLER, 1997, p. 50).

Outro personagem de grande significância na obra é Diego Gonçalves, um amigo próximo à família, que estava sendo iniciado a um grupo místico, orientado por Abraão Zarco, onde os membros se reuniam para discutir a Cabala. Berequias conta que: “O impressor Diego foi o primeiro a contribuir para o rio de sangue que durante os dias que se seguiram haveria de nos conduzir [...] essa geografia de morte era ainda um segredo para nós” (ZIMLER, 1997, p. 52), o relato do protagonista, vinte e três anos depois, recorda os fatos que anteciparam o maior massacre aos judeus em Portugal daquele século.

O enredo é construído a partir da preparação para a celebração da Páscoa, no entanto, a notícia de alguns judeus que foram presos atordoia a família: “Dezesseis andorinhas não regressaram ao ninho na noite passada e foram apanhadas pelo faraó. O seu passarinho, Reza, contava-se entre elas” (ZIMLER, 1997, p.63). Reza, filha de Abraão Zarco, havia sido presa por estar realizando, junto a alguns amigos, sua celebração tradicional de Páscoa.

No momento que estava irrompendo os primeiros vestígios da chacina, Berequias havia saído da cidade a pedido de seu tio, como subterfúgio, pois Abraão Zarco havia tido uma premonição (habilidade fornecida aos estudiosos da Cabala) sobre o que se sucederia naquele dia em território lisboeta. No meio do caminho, o jovem compra “alheiras”: “[...] que eram um chouriço que fora inventado na época da conversão forçada para salvar os nossos pescoços [...]. Embora semelhantes no gosto e na forma aos estufados de carne de porco, eram

feitas com pão [...]” (ZIMLER, 1997, p. 67), são essas alheiras que o salvariam mais tarde ao entrar em Lisboa, visto que os cristãos estavam dispostos a matar todos os que obtivessem algum resquício do judaísmo.

No momento da saída de Berequias, ocorre o episódio do falso milagre na Igreja Católica, a partir daí forma-se uma verdadeira caçada em busca de todos os judaizantes. Ao retornar para a cidade, o jovem é alvo da multidão descontrolada que toma as ruas de Lisboa, a qual encontra-se em um verdadeiro clima de terror: as casas fechadas, um cheiro forte de fumaça, as lojas trancadas, como se já estivesse escurecido, no meio de todo o caos surgem dois jornalheiros que o interrogam para saber se ele era um cristão-novo. Ele nega e mostra as alheiras (segundo as tradições, judeus não comiam carne de porco) que havia comprado fora da cidade, fazendo com que seus interrogadores o deixassem livre para voltar a sua residência. Ao questionar os jornalheiros sobre o que estava acontecendo, eles explicam a Berequias que havia: “Uma pira sagrada no Rossio. Os dominicanos querem fazer chegar um sinal até Deus com as chamas das carnes dos judeus” (ZIMLER, 1997, p. 69).

Os jornalheiros acreditando que o jovem era da mesma religião que eles, começam a explicar o “plano” de remissão dos católicos: extirpar os pecadores utilizando o fogo, queimando-os vivos ou decepando suas partes. Nesse momento o protagonista compreende que a cidade está tomada por perseguidores judeus, e percebe que, o que os judeus temiam acabara de começar, pois há muito o clima entre as religiões vivia sob tensão e acreditavam que a qualquer momento a fúria dos católicos iria irromper e transformar-se na grande caçada que foi.

Temendo por sua família, Berequias corre até sua residência, ao chegar a sua casa, procura por seus familiares, mas não os encontra. A casa estava vazia e um silêncio tomava conta de todos os cômodos; lembrou-se do porão e em meio ao caos devastador, o jovem encontra o corpo de seu tio Abraão Zarco sem vida e junto a ele o corpo de uma jovem moça, a qual o marrano não reconhece:

Entrei.

Um cheiro intenso, acre, de alfazema e excrementos, invadiu-me as narinas. Meu olhar fixava estarecido dois corpos nus cobertos de sangue. Meu tio e uma moça. Jaziam a curta distância um do outro, ela de lado, ele de costas. Suas mãos quase se tocavam. Como se seus dedos entrelaçados tivessem se separado ao mergulharem no sono. (ZIMLER, 1997, p. 71).

Então começa a procurar respostas para o que havia acontecido, junto ao seu melhor amigo, Farid, jovem muçulmano, surdo e homossexual, descrito por Berequias como: “[...] dotado com todos os atributos de um guerreiro poeta dos desertos da Árabia – delgado, musculoso, de agudos olhos verdes de falcão, uma pele suave morena [...]” (ZIMLER, 1997, p. 35), o protagonista tem por seu amigo uma grande afeição, constatada ao longo de toda narrativa, Farid se mostra um grande companheiro de Berequias, principalmente no momento que ele busca por fatos que expliquem o que havia acontecido ao seu tio e se haveria ali um caso de adultério entre ele e aquela moça que estava nua junto ao seu corpo. Mas a procura por explicações não seria fácil, pois as ruas estavam tomadas por cristãos descontrolados:

Que sanguinária tarefa, a dessa matança. A cada pancada, jorros de vida irrompiam do ourives como de fontes avistadas do céu. A carne dilacerada de suas mãos perfuradas estendia-se a implorar que parassem. Brados. Gritos em hebraico chamando por el rei Dom Manuel. Depois, por Abrãao, Moisés, Deus. – Mandem parar! Meu Deus! Faça com que parem! (ZIMLER, 1997, p. 91).

O ápice da narrativa está no momento que o mistério sobre o assassinato é revelado, até identificar o assassino de seu tio o jovem percorre um longo caminho de dúvidas e incertezas, colhendo pistas e arriscando-se para descobrir quem seria o autor do crime, tendo em vista que não havia como os cristãos adentrarem o esconderijo da casa:

Berequias Zarco está inscrito, ficcionalmente, em um período histórico em que a lei estava configurada a partir da religião católica. Todavia, mesmo que não haja a existência de uma polícia criminal, o livro *O último cabalista de Lisboa* apresenta a noção de que o crime não é um fenômeno natural, seja pelo crime contra os judeus causado pela perseguição da Igreja, seja o crime isolado, o assassinato a ser investigado pelo narrador. (FARIA, 2014, p. 25).

Para o rapaz, alguém próximo à família e que conhecia os domínios de sua morada havia entrado e ceifado a vida do patriarca e da moça desconhecida: “Olhei em redor certificando-me de que a sala não tinha sido pisada por pés cristãos. As escrivaninhas e o armário do material pareciam intactos.” (ZIMLER, 1997, p. 76). Diante dos últimos ocorridos e observando o seu espaço habitual, o protagonista compreende que o assassinato de seu tio teria partido de alguém que conhecia e frequentava aqueles aposentos, algo que mais tarde se concretizaria quando fosse revelado o assassino.

No prólogo do livro observamos que a narrativa faz parte das memórias de Berequias Zarco, após uma visita inesperada de um antigo conhecido de Lisboa, decide revisitar suas memórias e apresenta ao leitor a narrativa tenebrosa daquela Páscoa de 1506. Durante sua fala notamos o tamanho pesar que o faz revisitar os fatos de sua juventude já tão remotos e por hora esquecidos. Distante de Lisboa buscou em Constantinopla refugio para cura de seus ferimentos internos, no entanto, Berequias compreende que a missão designada por seu tio ainda não havia tido um fim:

Com as chaves a pulsar em minha mão, comecei a compreender pela primeira vez o sacrifício de meu tio Abrão e como a ideia de *mesíras nefesh* levava seu coração a bater naquele ritmo tão apaixonado, embora frágil. E, por motivos que no decorrer desta narrativa se tornarão claros, percebi também que minha visão era uma ordem sua para eu voltar para Portugal e cumprir a missão que ele me destinara desde sempre – um destino que eu não tinha seguido e nem sequer, antes, entendido. (ZIMLER, 1997, p. 23).

Apesar de seguir uma sucessão de fatos de forma cronológica, percebemos que o enredo é apresentado em forma de flashback, pois o narrador-personagem, já em vida adulta, relembra fatos que ocorreram em seu passado e deixa nítida essa retomada de lembranças: “Hoje, passados que são vinte e três anos dessa parca tentativa de registrar minha busca de vingança, voltei a afagar as páginas abertas do pergaminho. O que me terá levado a romper o juramento de silêncio?” (ZIMLER, 1997, P. 21). Ele retoma suas vivências sem deixar que o leitor esqueça que já havia se passado alguns anos desde aquele episódio, no decorrer de seus relatos ele vai antecipando acontecimentos futuros.

O protagonista ambienta-se em suas recordações para transcorrer sobre os sentimentos vividos naquele período, de acordo com Froés (2009): “o revisitar a memória é uma tentativa de curar as feridas provocadas pelo passado, para garantir um tempo presente e futuro de qualidade.”. Anos mais tarde, ele ainda se culpa por não compreender o que havia se passado em Portugal de outrora e lamenta a morte de seu tio, mostrando como a relação entre ambos era intensa:

É verdade que a culpa pela minha ignorância e pelos meus erros – e outros pecados mais terríveis-, que me acompanhou até meu exílio em Constantinopla, ainda hoje me persegue. Haverá os que dirão ser essa, inclusive, a minha mais profunda motivação. Mas, ao mesmo tempo que vou gravando estes caracteres neste pergaminho polido, compreendo que o que me inspira é antes a possibilidade de falar, pela distância de décadas, a outro

mais, ainda por nomear – meus netos ainda não nascidos e os de minha irmã Cinfa. (ZIMLER, 1997, p. 25).

O narrador encerra relatando o que aconteceu com sua vida, com sua família e seus amigos: “Quarenta e quatro anos passaram por mim. E, no entanto, quanto não daria eu para ter os olhos de esmeralda de meu tio fixos em mim, para sentir a asa protetora de suas vestes alvas me envolvendo. Beijar os seus lábios. Nunca será possível.” (ZIMLER, 1997, p. 373).

Berequias sente a necessidade de regressar para cumprir seus preceitos, entretanto o que o intriga é a possibilidade de retornar justo em um período que Portugal se aproxima das garras da inquisição. É a partir do encontro com o jovem Lourenço que o marrano começa a escrever sobre os fatos vividos pela família Zarco. O romance é cheio de mistérios que nos faz pensar inúmeras vezes em quem será o assassino de Abraão Zarco, até que ao término do livro, por soberba e inveja, o enigma é revelado de forma surpreendente.

3.2 Entre ficção e realidade: *O Último Cabalista de Lisboa*

Ao longo desse capítulo, levantamos questões já mencionadas anteriormente, associando-as ao que traz o romance de Richard Zimler. Dessa forma, mostramos como a obra, apesar de ficcional, apresenta fatos da realidade histórica e revisita o século XVI, principalmente a páscoa de 1506, período do genocídio que marca tão negativamente a História de Portugal.

A narrativa reflete as principais características difundidas através desse mecanismo de intolerância religiosa, a começar pela ideia do termo “judeu” que foi aludida sobre a perspectiva de cristãos-novos ou marranos, visto que essa demarcação era dotada de teor depreciativo, como afirma a autora Esther Mucznik: “Assim, de termo pejorativo que era, a expressão ‘marrano’ passou a reflectir uma situação histórica e uma conduta colectiva de um grupo de cristãos-novos.” (MUCZNIK, 2010, p. 21).

Essa denominação foi conferida a esses povos após a conversão forçada, que consistia em abolir qualquer vínculo com as crenças judaicas. A narrativa de Zimler destaca a forma forçada do batismo da tia de Berequias e rememora o fato histórico por meio das lembranças de Ester, enfatizando as suas emoções diante do episódio vivido:

Os olhos de tia Ester tinham se tornado distantes e opacos, mergulhados numa paisagem interior. Sua mão deslizava sob o lençol carmesim e traçava

o contorno da cicatriz cruciforme que lhe havia sido imposta naquela amaldiçoada manhã do nosso batismo forçado. Nessa ocasião, mais que em nenhuma outra, resistira aos meirinhos mandados pelo rei para arrastarem os judeus até a Sé. Um dos guardas, querendo tomá-la como exemplo, atirou-a ao chão e prendeu-lhe as mãos e os pés ao calçamento da rua de São Pedro. Um frade dominicano empunhando um ferro incandescente tinha então gravado uma cruz em sua fronte, enquanto gritava, para que todos pudessem ouvir: - Eu te abençôo com o signo de Deus, Nosso Senhor!
Eu por minha vez, as crianças cristãs cobriram-me de sangue de porco e de forragem durante o caminho da cerimônia do batismo até a minha casa. (ZIMLER, 1997, p. 40).

Dom Manuel acreditava que a partir do batismo forçado conseguiria manter os judeus em Portugal para favorecer o seu reinado visto que eram de grande valor para a coroa, pela facilidade que possuíam com o meio financeiro, sendo exímios mercadores.

Alguns preferiam ceifar a vida de seus filhos ao ter que vê-los convertidos: “Muitos preferiam matar os filhos com as próprias mãos; sufocavam-nos no último abraço ou atiravam-nos em poços ou rios, suicidando-se em seguida.” (MUCZNIK, 2010, p. 29). O protagonista reconta esse fato histórico ao dizer que: “Nove anos antes, alguns judeus tinham matado os filhos, matando-se depois, para não terem de se converter à força, que é uma coisa que me parece escrita numa linguagem incompreensível.” (ZIMLER, 1997, p.153).

Mesmo sendo forçados a conversão católica e obrigados a exercer esta crença, muitos mantinham em segredo seus princípios religiosos, desempenhando nos seus lares aquilo que a Torá determinava, correndo o risco de serem apanhados: “Nesta altura, a grande maioria permaneceu no reino como cristãos-novos, mantendo a fé e as práticas judaicas secretas no interior dos seus lares” (MUCZNIK, 2010, p.31). A família Zarco era praticante assíduos dos costumes judaicos: “Claro que a minha simples aparência externa não podia indicar a eles com toda certeza que eu era cristão-novo. Mas, se me despissem, minha aliança com o Senhor tornaria óbvia a minha crença.” (ZIMLER, 1997, p.144). Mesmo diante do risco iminente, os praticantes atribuíaam aos seus, nomes de origem hebraica:

Permaneceu, no entanto, a dualidade do nome – um nome cristão público, outro secreto judaico, para os que não aceitavam como sua a nova fé imposta. Grande parte dos convertidos por D. Manuel, depois de baptizarem na igreja os seus recém-nascidos, davam-lhes o nome judaico no segredo das suas casas, procurando assim manter o vínculo da tradição ancestral, como forma de resistência à assimilação forçada. (MUCZNIK, 2010, p.34)

Para mostrar que a conversão havia surtido efeito, era necessário o comparecimento em situações públicas como, por exemplo, ir à missa todos os domingos. Alguns aproximavam-se de grandes representantes da sociedade de modo que pudessem ocultar suas verdadeiras identidades. Assim, de assíduos frequentadores e praticantes que eram, encontraram, mesmo que obrigados, refúgio na religião cristã para proteger suas vidas e dos seus familiares. No entanto, o clima entre cristãos e judeus nunca esteve ameno, os primeiros culpavam os segundos por toda a desgraça que estava acontecendo, Pois achavam que era uma forma de Deus castigar a todos por conviver com indivíduos de tão “má índole”, queriam apenas uma oportunidade de externar o ódio que existia dentro de si. Voss (2017) nos afirma que: “Entender o que lá aconteceu significa procurar um «algo humano», no lugar em que natureza e cultura, poder e pulsão, geram violência coletiva contra um determinado grupo”. O catolicismo durante um vasto período encobriu toda a maldade feita pela religião, sob o pretexto de converter todas as almas para o que eles consideravam como santa e única crença, usufruindo exclusivamente do poder econômico e social que eram visivelmente comprovados na época.

No dia 19 de abril daquele mesmo ano; de repente do peito do Cristo preso ao crucifixo surge uma luz que imediatamente foi associada a um milagre dos céus pelos frades, fazendo com que todos os presentes, acreditassem que era Deus dizendo que diante das últimas circunstâncias não havia esquecidos dos seus: “Um crucifixo com um buraco escavado e tapado com um espelho. Os frades puseram por trás uma vela acesa e começaram a dizer a todos que a luz era um sinal do Nazareno, um milagre.” (ZIMLER, 1997, p.92).

Um dos cristãos-novos que estava presente no momento do “falso milagre” tentou alertar a população para o que de fato estava acontecendo, mostrando que não se passava de uma coincidência. No entanto, diante da raiva que já existia entre os cidadãos e os judeus e já atribuindo a esses a culpa pela situação que viviam, a população arrastou o convertido até fora da igreja e começaram a linchá-lo e o queimaram:

Mesmo que alguns cristãos duvidassem do milagre, como a própria testemunha alemã, foi um ato temerário de um cristão-novo duvidar da fé cristã, depois do alvoroço popular em torno da libertação da prisão de alguns dos seus. Mais do que isso, aquela dúvida, ao invés de ser tomada pelos presentes na igreja como natural desconfiança da percepção humana sobre um fenômeno natural, poderia ser entendida como menosprezo ao insondável desígnio de Deus de alguém que não era genuinamente cristão. (VOSS, 2017, p. 317).

A constatação elencada pelo cristão-novo transformou-se, imediatamente, em acessos de fúrias, já internalizados na população, que aguardavam apenas um pretexto para iniciar a balbúrdia que vingou durante os próximos dias, alguns cristãos nem mesmo acreditavam naquele falso milagre, mas não trataram de contestar, pois para eles a palavra do religioso estava acima de qualquer incerteza e não era visto com bons olhos quem contrariasse a palavra de um servo católico e até mesmo os “desígnios de Deus”. Diante do episódio, um padre incitou a população para perseguir, capturar e matar todos os judeus que encontrassem em Lisboa, o que causou um verdadeiro alvoroço em toda a cidade, todos os que eram apanhados eram levados até a fogueira que havia sido acesa no Rossio:

Continuando a avançar, incessantemente, como quem cai dos braços de um sonho, atingi afinal uma clareira. Uma pira. Chamas crepitantes. Gavinhas de fogo laranja e verdes desenrolando-se em direção ao telhado da igreja. No campanário, um frade dominicano com uma grande papada empunhava uma espada tendo na ponta uma cabeça decepada e exortada o populacho com uma voz irada: - Morte aos heréticos! Matem esses judeus do demônio! Que a justiça do Senhor cai sobre eles. (ZIMLER, 1997, p.89)

Era o fogo utilizado como um dos principais instrumentos de purificação da alma do indivíduo. A religião católica até hoje remete a ele essa representatividade de limpeza da alma, é esse desprendimento de luz no momento da combustão que retoma a ideia da “luz de Cristo”. Através dessa simbologia, encontramos resíduos da importância do martírio vivido pelos judeus, onde a alma desses só seria purificada por meio das chamas. Assim, queimar judeus era uma forma de apagar os resquícios de uma cultura, pois acreditava-se que o odor da carne era diferente: “O cheiro da carne queimada dos cristãos-velhos será diferente da dos judeus? Tenho de reconhecer que não consegui nenhuma diferença.” (ZIMLER, 1997, p.368).

A obra em estudo antecipa fatos ao mencionar o que viria anos mais tarde, com a inquisição instituída pela coroa e com aprovação da igreja católica:

Isso não passou de uma fogueirinha – observa. - Espere mais uns anos e então é que as coisas vão se acender de verdade. E nessa altura faça o que lhe mandarem – Abre o gibão, desaperta a camisa. Alinha de cicatriz no peito reflete o brilho da luz da vela. – Senão, terá de pagá-lo na carne. Já lhe contei como eles queimam a pele com desenhos. (ZIMLER, 1997, p.353)

O autor apresenta, durante toda a narrativa, fatos históricos do século XVI, ao passo que deixa explícito o que viria a ser a inquisição anos mais tarde, atribuindo a Berequias Zarco o

papel de testemunha do *pogrom* de Lisboa, massacre que até então não era tão mencionado nos livros de história da época e busca resgatar a memória da coletividade ao referir-se a um fato de grande magnitude para os judeus Lisboetas e que viria a ser um marco na história que antecede a construção do Tribunal do Santo Ofício.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reviver a luta dos perseguidos transmite as mesmas sensações vividas naquelas épocas pelos judeus, pois provoca no leitor um misto de indignação e clemência, como se quiséssemos apagar esse passado cruel de nossas vidas, assim dizia Berequias Zarco: “É uma falha de Deus não podermos retirar tal sofrimento de outro ser humano e torna-lo nosso”. (ZIMLER, 1996, p. 91). Ao nos apresentar a narrativa da família Zarco, o autor rememora inúmeras outras famílias que foram assassinadas durante a chacina, mesmo que ficcional nos faz pensar na falta de humanidade e de empatia que existiu e até hoje existe em nosso meio, pois infelizmente toda essa marginalização ainda persiste.

Esse estudo nos possibilitou esclarecer como a religião judaica sobreviveu no decurso de toda perseguição que perdurou por séculos, buscando rememorar o sofrimento dos oprimidos e resgatar a resistência de uma cultura que até hoje permanece viva, faz saber que para essa religião findar foi preciso enfrentar inúmeras dificuldades, pois toda a trajetória judaica traz resquícios de tirania vinculando-se a intolerância religiosa propagada pela fé católica, essa que durante séculos instigou o ódio, perseguiu e ceifou vidas.

Percebemos que Zimler (1996) não apenas retrata os judeus, mas busca outras minorias no decurso de sua narrativa, como os mulçumanos, representados principalmente na figura de Farid, amigo de Berequias. Nele encontramos uma série de preconceitos que ainda perduram: mulçumano, deficiente auditivo e homossexual. O autor cria uma obra que foge dos clássicos estereotípicos e dá voz a muitas minorias que durante séculos permaneceram caladas.

A releitura da obra concerniu à associação dos conceitos de ficção com o período histórico de 1506, retomando momentos já vividos e transmitindo ao leitor períodos de grande significância para a história da humanidade, apresentando uma época obscura vivenciada pela religião cristã, a qual ao invés de propagar a compaixão, acreditava em um Deus que tudo pune e atribuiu aos judeus o sofrimento vivenciado por Jesus durante sua crucificação, deste modo penitenciou todos os herdeiros da fé judaica a viver sobre a condição de inferioridade, submetidos aos castigos mais excêntricos.

Os séculos passados ainda agregam diferentes discursões acerca da história judaica, sendo retomadas aos poucos e mais frequentes no que concerne à ideia de romance histórico, porém ainda há muito a indagar sobre o tema, incumbindo diferentes releituras e interpretações a esses episódios.

REFERÊNCIAS

- A Casa dos Vinte e Quatro*. Disponível em: <<http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/acervo/fundo-historico/fundo-camara-municipal-de-lisboa/casa-dos-vingte-e-quatro/>>. Acesso em: 18 abril de 2019.
- FARIA, Marcos Fábio Cardoso de. *Investigação e misticismo em Richard Zimler e outros escritores cabalistas*. 2014. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- FROÉS, Marli Silva. *O Último Cabalista de Lisboa: memória e jogos autorais*. Revista Literatura em Debate. V. 3, n. 4, 2009. p. 74-89.
- KOLATCH, Alfred J. *O livro judaico dos Porquês*. Disponível em: <<http://blog.sefer.com.br/tudo-o-que-voce-gostaria-de-saber-sobre-pessach/>>. Acesso em 01 junho de 2019.
- Lisboa*. Rede de judiarias de Portugal. Disponível em: <<http://www.redejudiariasportugal.com/index.php/pt/cidades/lisboa>>. Acesso em: 29 maio de 2019.
- MARCOCCI, Giuseppe; PAIVA, José Pedro. *História da inquisição portuguesa: 1536-1821*. Lisboa: Esfera dos livros, 2013.
- MATTOS, Yllan de. *A Inquisição Contestada: críticos e críticas ao Santo Ofício português (1605-1681)*. Rio de Janeiro: Mauad; Faperj, 2014.
- MEDINA, João, et al. *História de Portugal: Dos tempos pré-históricos aos nossos dias*. Portugal: Clube Internacional do Livro, 1996.
- MUCZNIK, Esther. *Grácia Nasi: A judia portuguesa do século XVI que desafiou o seu próprio destino*. Portugal: Esfera dos livros, 2010.
- SCHAMA, Simon. *A história dos judeus: À procura das palavras 1000 a. C. – 1492 d. C.* Tradução Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SOMBART, Werner. *Os judeus e a vida econômica*. Tradução Nélcio Schneider. São Paulo: Editora UNESP, 2014.
- VOSS, Rita Ribeiro. *O massacre de Lisboa em 1506 e o discurso de ódio antijudaico*. Revista de História das Ideias. Coimbra, v. 35. 2º série, 2017, p. 305-329.
- WILKE, Carsten L. *História dos judeus portugueses*. Tradução Jorge Fernandes Campos da Costa. Edições 70, 2009.
- ZIMLER, Richard C. *O Último Cabalista de Lisboa*. Tradução José Lima. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.